



MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL
PROCURADORIA GERAL DA REPÚBLICA
SECRETARIA DE PERÍCIA, PESQUISA E ANÁLISE
CENTRO NACIONAL DE PERÍCIA

Laudo Pericial nº 938/2020/Sppea

Referência	Processo 1.29.001.000136/2017-92
Unidade Solicitante	Procuradoria da República no Município de Bagé/RS.
Requerente	Amanda Gualtieri Varela, Procuradora da República.
Ementa	Verificar se a presença de pecuaristas familiares na área de influência do empreendimento minerador Fosfato Três Estradas, em Lavras do Sul/RS, pode ser caracterizada como de <i>comunidade tradicional</i> , nos termos do Decreto nº 6.040/2007.
Temática	Populações Indígenas e Comunidades Tradicionais.
Guia Sistema Pericial	Solicitação de Perícia SP 3627/2019
Coordenadas Geográficas	-30.903767, -54.184071

SUMÁRIO

1. Introdução	02
1.1. Metodologia e fundamentos analíticos.....	02
2. Análise – Resposta ao Quesito	05
2.1. Terra/Trabalho/Família: a tríade estruturante da tradição.....	07
2.2. A lida campeira: o trabalho familiar na terra, patrimônio da família....	09
2.3. Cultura e ordem moral: o trabalho e a produção pecuarista familiar...19	
2.4. Estratégias de mercado para a reprodução de uma ordem moral.....	22
2.5. Bioma e identidade.....	28
2.6. Comunidade e território tradicionais em Três Estradas.....	33
3. Conclusão	39
Referências Bibliográficas.....	40

1. INTRODUÇÃO

Este estudo foi solicitado pela Procuradoria da República no Município de Bagé/RS, nos autos do Processo 1.29.001.000136/2017-92, para verificar se a presença de pecuaristas familiares na área de influência do empreendimento minerador Fosfato Três Estradas pode ser caracterizada como de *comunidade tradicional*, nos termos do Decreto nº 6.040/2007. O objetivo é, portanto, examinar se - e em que medida - os aspectos socioculturais do grupo (vínculos, memórias, valores e práticas) permitem, ou não, fundamentar seu enquadramento na definição legal.

1.1. Metodologia e fundamentos analíticos

Os pressupostos teóricos e metodológicos da Antropologia determinam que, para serem inteligíveis, as práticas e os ideais de outros povos, assim como as razões alegadas como justificativa para seus próprios atos, devem ser inseridos no contexto social, cultural e histórico que os abarca e contorna. Nada existe fora de um contexto, o qual deve ser caracterizado e compreendido para se ter acesso aos significados que se investiga.¹ Eis o paradigma disciplinar.

Para acessar tais sentidos, que podem e frequentemente estão além das declarações dos informantes, foi necessário nesta perícia empreender três níveis de pesquisa: documental, bibliográfico e etnográfico de campo. As informações etnográficas foram alcançadas por meio de dados primários e empíricos coletados *in loco*, no trabalho de campo realizado junto aos pecuaristas familiares de Três Estradas, no município de Lavras do Sul/RS.

Informações que foram complementadas e respaldadas por dados secundários obtidos por meio de pesquisa bibliográfica referente aos pecuaristas familiares e à prática da pecuária extensiva no Pampa gaúcho, sua organização social, cultura e história, disponíveis em material literário de natureza acadêmica produzido não só na área da Antropologia, como também Ciências Ambientais, Sociologia e História.

¹ LÉVI-STRAUSS, Claude. Antropologia Estrutural. Tempo Brasileiro, RJ, 1975.
LUHMANN, Niklas. Social Systems. Stanford University Press, Stanford, 1995.

Já a pesquisa documental contou com a leitura analítica dos autos do processo em referência e seus anexos, incluindo o Estudo de Impacto Ambiental/EIA e o Relatório de Impacto Ambiental/RIMA relativos ao Empreendimento Fosfato Três Estradas. Dados acrescidos pela análise de relatórios e estudos independentes acerca do empreendimento e seus possíveis impactos sobre o meio-ambiente e a população atingida, disponíveis nos meios eletrônicos de comunicação social.

As reflexões analíticas que aqui se apresentam têm como base os estudos antropológicos sobre etnicidade e os processos identitários, cujas abordagens teórico-metodológicas dão especial atenção ao modo como os sujeitos coletivos constroem suas próprias identidades e pertencimento social.² Entendida enquanto categoria atributiva classificadora, construída e empregada pelos próprios atores, a identidade sociocultural de um grupo não é algo fixo no tempo e no espaço; nem uma essência, mas um contexto que, como tal, não se define nem se amolda a partir de modelos predefinidos e idealizados. Qualquer que seja esse modelo, ele sempre estará referenciado a uma forma empírica particular e histórica, circunscrita a um ambiente específico.³

O trabalho etnográfico de campo foi orientado pela aplicação de entrevistas formais e informais semiestruturadas, método que permite aos discursos fluírem com certa liberdade, embora conduzidos à luz das indagações consideradas antropológicamente plausíveis e relevantes para o atendimento da demanda. Os dados e as falas foram anotados em cadernos de campo, segundo as técnicas próprias consolidadas pela Antropologia, com a rotina de elaboração do diário de campo. Parte das entrevistas foram também gravadas, permitindo possíveis releituras.

Sobre a metodologia, vale destacar que o processo de construção do convencimento do antropólogo depende do exercício comparativo entre dados, o mais plural possível. Daí a importância da diversificação dos informantes, observada durante a etapa de campo

² CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. *Caminhos da Identidade. Ensaios sobre Etnicidade e Multiculturalismo*. Unesp/Paralelo 15, São Paulo, 2006.

³ BARTH, Fredrik. *Ethnic groups and boundaries: The social organization of culture difference*. Universitets Forlaget, Bergen-Oslo, 1969.

realizada com diferentes pessoas e grupos familiares da comunidade de Três Estradas. Ainda no esforço de diversificar os dados primários, foram entrevistados pesquisadores e membros da sociedade civil organizada, com atividades vinculadas ao bioma Pampa, que além de conhecerem a dinâmica das comunidades locais, estão a par de sua intrínseca correlação com os campos naturais do Rio Grande do Sul.

Para trazer a eloquência própria do discurso nativo, algumas de suas falas foram reproduzidas ao longo do laudo. Porém, foi omitida a identificação para preservar a privacidade daqueles que se sentiram pouco à vontade de verem divulgadas suas declarações, concedidas sobre si mesmos e os pares em ambiente de confiança. De todo modo, foram selecionadas narrativas consensuais, trechos que extrapolavam a opinião pessoal do interlocutor para expressarem uma disposição coletiva e difusa, presentes em praticamente todos os discursos sobre o tema investigado.

Por fim, uma consideração de ordem epistemológica sobre a natureza e o alcance do conhecimento produzido a partir do enfoque e dos limites teóricos da Antropologia. Na análise antropológica é impossível prescindir da voz nativa; entretanto, o trabalho do antropólogo não se reduz à reprodução da fala de seus informantes. É, antes, o resultado de uma composição de sentidos feita à luz de todos os dados levantados no decurso da pesquisa, advindos de fontes documentais, bibliográficas e etnográficas de campo, a fim de dar conta, o melhor possível, do ponto de vista do Outro. O esforço de classificação e de análise comparativa entre as informações advindas das diferentes fontes é o que permite alcançar denominadores comuns à diversidade dos discursos que geralmente encontramos em campo. Recurso metodológico que possibilitou responder à questão formulada nos autos para este laudo.

2. ANÁLISE – RESPOSTA AO QUESITO

Quesito: “Requisite-se perícia técnica com vistas a verificar a possível caracterização dos ‘pecuaristas familiares’ como população tradicional presente na área de influência do empreendimento, para os fins do Decreto nº 6.040/2007 e a Convenção OIT nº 169.”⁴

O acima mencionado Decreto Federal, de 2007, apresenta em seu Artigo 3º as seguintes definições:

I – Povos e Comunidades Tradicionais: grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição;

II – Territórios Tradicionais: os espaços necessários a reprodução cultural, social e econômica dos povos e comunidades tradicionais, sejam eles utilizados de forma permanente ou temporária (...).

De acordo com os dados e a análise empreendida nesta pesquisa pericial, os pecuaristas familiares presentes na área de influência do empreendimento Fosfato Três Estradas, no município de Lavras do Sul/RS, possuem *ethos* e cultura que confluem e condizem com a definição legal de *comunidade tradicional*, conforme acima transcrita. Trata-se, com efeito, de grupo que possui formas próprias de organizar a vida, com reprodução social que depende da ocupação e do uso do território e dos recursos naturais nele disponíveis. Além disso, seu modo de estar e ocupar o espaço gerou saberes que são coletivos e partilhados, conhecimentos e técnicas adaptados ao meio ambiente e ao contexto socioeconômico, repassados ao longo da história através das gerações. Neste laudo apresentam-se alguns dos aspectos socioculturais mais relevantes que fundamentam a afirmação.

⁴ Conforme Solicitação de Perícia SP 3627/2019 (Etiqueta PRM-BAG-RS-00003326/2019).

Trata-se de população cujas posturas e condutas socioculturais lhe vêm permitindo reproduzir-se social e economicamente, há pelo menos um século, com o mínimo de impacto e transformação do bioma natural do Pampa. Isso, entretanto, não significa estilo de vida ultrapassado ou saberes anacrônicos. Os pecuaristas familiares de Três Estradas são povos do presente, enquadrados e ajustados à modernidade socioeconômica do entorno e da sociedade abrangente - fato em nada incompatível com sua tradicionalidade. Pelo contrário, são as constantes atualizações históricas que lhes têm permitido seguir se reproduzindo enquanto segmento social diferenciado, porém contemporâneo, com estilo e modo de vida de baixo impacto ambiental sobre o Pampa, e ainda assim sustentável do ponto de vista econômico.

A esse respeito, um breve balizamento conceitual sobre o que se entende por tradição no âmbito das Ciências Sociais se faz necessário para objetivar a análise de acordo com sua base teórica. Conceitualmente, a tradição sociocultural de um povo só se mantém viva quando capaz de se atualizar historicamente na experiência, condição *sine qua non* para sua reprodução. Por mais que se inspire e procure manter saberes e estilos ancestrais, aprendidos com as gerações anteriores, o *tradicional* se faz na *vivência* de quem o realiza no presente. Menos que a aplicação de um conhecimento na prática, trata-se da aquisição desse conhecimento por meio da prática.⁵ Significa isso dizer que, por definição, a tradição é constituída por saberes e fazeres dinâmicos, sujeitos a constantes incorporações do novo e da novidade.

Destaca-se ainda, no âmbito conceitual, a intrínseca correlação existente entre tradição e território. De acordo com Ingold & Kurttila, é nas relações estabelecidas com a terra, seus animais e plantas, que a tradição de uma comunidade é gerada: um conhecimento inseparável de sua experiência de habitar um dado ambiente. Por isso, saberes e fazeres

⁵ INGOLD, Tim & KURTTILA, Terhi. *Percebendo o ambiente na Lapônia finlandesa*. CAMPOS-Revista de Antropologia. V.19 N.1. Universidade Federal do Paraná, 2018.

tradicionais não podem ser reduzidos a fórmulas culturais estáticas, passíveis de serem transmitidas em um contexto fora de sua aplicação.

“As pessoas pertencem às localidades e ambientes nos quais cresceram tanto quanto estes pertencem a elas. Romper os laços entre as pessoas e o lugar (...) seria lançar a tradição para longe da sua fonte geradora de significado, considerando-a como o vestígio de uma forma de vida ancestral ultrapassada (...), um objeto da memória. O efeito deste deslocamento seria a ruptura da continuidade da tradição e o rompimento da ligação das pessoas com seus passados.”⁶

2.1. Terra/Trabalho/Família: a tríade estruturante da tradição

A experiência e a memória compartilhadas de um modo de fazer e agir nos campos nativos do Pampa gaúcho constituem a espinha dorsal da tradicionalidade pecuarista familiar de Três Estradas. Porém, isso só é possível porque estão ali asseguradas e operantes as categorias basilares que, juntas e associadas, dão à identidade pecuarista familiar sua base de sustentação sociológica: terra, trabalho e família. Parâmetros comuns a diversos contextos e grupos, mas que no campesinato - segmento social do qual faz parte o pecuarista familiar - operam no plano das representações morais e simbólicas. Conforme salientou o antropólogo e pesquisador Klaas Woortmann, não é a presença dessas categorias que importa, mas o fato de serem “nucleantes e, sobretudo, relacionadas, isto é, uma não existe sem a outra”:

Nas culturas camponesas, não se pensa a terra sem pensar a família e o trabalho, assim como não se pensa o trabalho sem pensar a terra e a família. Por outro lado, essas categorias se vinculam estreitamente a valores e a princípios organizatórios centrais, como a honra e a hierarquia. Pode-se opor esse tipo de sociedade às sociedades modernas, individualizadas e voltadas para o mercado. Neste último tipo de sociedade, as três categorias acima referidas existem, naturalmente, mas elas podem ser separadas umas das outras: a terra não é pensada em função da família e do trabalho, mas em si mesma, como uma coisa, ou como uma mercadoria; a família é também pensada em si, sem relação com o trabalho ou a

⁶ INGOLD, T. & KURTTILA, T. Op.Cit, 2018, p. 180.

terra, o mesmo acontecendo com o trabalho, que pode mesmo ser pensado como uma abstração, como um “fator”.⁷

Assim é em Três Estradas. Ali, terra, trabalho e família, além de constituírem fatores de produção, por meio dos quais os pecuaristas se inserem no mercado regional - elemento indispensável à sua sobrevivência e reprodução social -, são também fatores éticos de natureza sociossimbólica que se intercalam para a produção de honra, elemento por sua vez indispensável à sua identidade. A *terra* é o eixo central, porém, ela só se torna valor quando associada ao *trabalho* da *família* que nela se realiza; momento em que a tríade fundamental terra/trabalho/família torna-se operante, permitindo a passagem de uma *ordem econômica* para uma *ordem moral*.

Apesar de o regime jurídico em Três Estradas ser o da propriedade privada, para o pecuarista familiar que ali habita, mais que capital ou mercadoria, a terra é patrimônio familiar, um bem coletivo de valor imaterial e inalienável. Um atributo de natureza sociossimbólica que se deve, fundamentalmente, ao tipo de trabalho que nela é realizado, praticado pela família: é o trabalho familiar que transforma a terra em patrimônio.⁸ Aqui, o trabalho, antes de ser atividade produtiva, é valor; é ponto de honra e potência positiva que, nos termos de Kosby & Silva, traz os atributos ontológicos necessários à construção da pessoa.⁹

Nosso diferencial aqui, a gente se criou sempre nós trabalhando. Fomos pra cidade estudar, mas voltamos. Temos estudo, mas aqui é a gente que faz tudo. É diferente de uma estância grande que tem um monte de peão e o dono não trabalha junto. (Pecuarista familiar)

Aqui em Três Estradas nós tudo somos pequenos produtores, e são assim só a família trabalhando. Como hoje as famílias são pequenas,

⁷ WOORTMANN, Klaas. “Com Parente Não se Neguceia” *O Campesinato Como Ordem Moral*. Anuário Antropológico/87. Tempo Brasileiro/Editora Universidade de Brasília, 1990, p. 23.

⁸ WOORTMANN. Idem, p. 23.

⁹ KOSBY, Marília F. & SILVA, Liza B. M. INRC – *Lidas campeiras na região de Bagé/RS: inventário dos ofícios e modos de fazer da pecuária no Pampa*. Revista Perspectivas Sociais. Ano 2, Nº 1, Pelotas, 2013, p. 9.

é só o casal, ou então como aqui que é ele, eu e o guri; ou às vezes um pai que ficou viúvo e o filho veio pra ajudar. (Pecuarista familiar)

O guri já ajuda. Ajunta ovelha, cura ovelha. Tem dez anos e já sabe, acompanha a gente no campo nas horas vagas do estudo dele, pra aprender. Ele gosta, ele adora! E precisa aprender, né. (Pecuarista familiar)

2.2. A lida campeira: o trabalho familiar na terra, patrimônio da família

Em Três Estradas, o trabalho familiar realizado na terra, patrimônio da família, a chamada lida campeira, consiste basicamente no cuidado dos animais - bovinos, ovinos e equinos - e na manutenção dos pastos de campos nativos do Pampa. São práticas cotidianas e regulares que, seguindo calendários específicos de execução, compõem mais um estilo de vida que atividade econômica. A criação extensiva de bovinos é o carro-chefe, mas há outros animais, como ovelhas, cavalos e cachorros, presentes em todas as propriedades de Três Estradas; aos quais acrescentam, variando de um lugar para o outro, a criação de galinhas, gansos, porcos, gatos.

A principal atividade é a chamada revisão do gado. Consiste em recorrer os campos, reunir o rebanho em determinado local e, literalmente, fazer a revisão: contar e inspecionar um a um, certificando-se se estão todos, e se estão bem. A isso chamam de rodeio, atividade na qual participam todos os membros da família, inclusive mulheres e crianças, essas últimas para fins sobretudo didáticos; e ainda cavalos e cães, companheiros inseparáveis de trabalho.

Aparentemente simples, trata-se de atividade que requer saberes e treino que habilitem o campeiro a identificar as mazelas que acometem o rebanho apenas olhando de cima do cavalo: se tem assento de mosca varejeira, carrapato, tristeza parasitária. O que exige conhecer o comportamento do animal, assim como os ciclos naturais de cada espécie e doença, de modo a ficar atento a seus sintomas: época do carrapato, das bicheiras, da parição. E não basta identificar a existência de doenças ou mal-estar, é preciso diagnosticá-los e tratá-los

imediatamente. Os medicamentos necessários são parte integrante do material que se leva consigo na revisão do gado: remédios antiparasitários, antibióticos, anestésicos, agulhas.... A cura é feita no campo, sem deslocar o rebanho, e o objetivo é causar o mínimo desgaste no animal e, conseqüentemente, no bioma.

Tudo isso requer um conjunto de conhecimentos que só se adquire por meio da prática, da observação empírica dos fatos: daí que as crianças acompanhem desde cedo os pais em toda essa atividade. Mesmo porque, não se trata apenas do ensino e aprendizado de um ofício, mas da socialização das novas gerações a um *ethos* e visão de mundo específicos: uma maneira de fazer as coisas e gostar de vê-las serem feitas.

Camperear é serviço de homem e de mulher. Antigamente menos, mas hoje a mulher participa junto. As famílias são pequenas, tem pouca gente pra trabalhar. Aqui mesmo somos só nós dois, o casal né. Não tem como a mulher não participar. E os filhos menores vão também, pra aprende, né. (Pecuarista familiar)

Revisar é camperear, recorrer os campos pra juntar os bichos, contar, vê se estão todos bem: vê se não tem carrapato, se não estão abichados... algum problema de tristeza, tu olha já vê. Tem quarenta bichos, você faz a volta e já vê, sem sair de cima do cavalo. E também pra vê se não tem algum animal perdido. Se tiver faltando, tu deixa ali o rebanho, e sai pra procurar. É o que a gente chama de reculuta. (Pecuarista familiar)

Duas, três vezes por semana tem de fazer a revisão. Época de parição é todo dia. Tem um lugar certo pra reunir o gado, o rodeio. O gado já sabe, e é só tocar, e já vão pra lá. E se tem algum problema já trata na hora. Já leva os remédios. Tu vai, trabalha o gado e deixa lá. Não sai com o gado, pra não desgastar o animal. (Pecuarista familiar)

O período de procriação do gado exige cuidado redobrado, ocasião em que a revisão é praticamente diária. Sobretudo porque se houver complicações no parto e não tiver um pronto atendimento por parte do campeiro, o terneiro (termo local para bezerro) ou a vaca morrem, quando não os dois. O mesmo se passa com os recém-nascidos, que exigem uma série de cuidados, sobretudo na cura do umbigo, local especialmente vulnerável às moscas varejeiras, causa de doenças e

complicações que igualmente podem levar ao óbito. Para facilitar o trabalho do pecuarista e evitar maiores sangramentos a castração também é feita no recém-nascido; momento em que se procede a cura do umbigo e a sinalização do bezerro. Cada dono tem um sinal, geralmente um corte feito na orelha que se diferencia da marca tatuada com ferro em brasa, essa, sim, feita com o animal mais velho e indica a propriedade da família, ao passo que o sinal indica a do indivíduo.

Há, portanto, uma série de cuidados que se tem de ter com a segurança e o bem-estar das vacas e seus filhotes, daí a necessidade de nesse período intensificar a revisão do gado. Para melhor as administrar, o ideal é deixar em poteiros ou piquetes (pequenos pastos fechados) as que estão próximas de parir. Isso facilita o cuidado, mas não evita o revisar quase que diário, mesmo porque é preciso selecioná-las, já que não há como resguardá-las todas nos piquetes.

Época de parição pode tá caindo canivete, que tu tem de sair. Porque o terneiro que nasce tem de ser capado na hora. Ele nasce a gente já castra. Às vezes também a vaca tranca o terneiro, aí tem de destrancar. Se não socorre na hora, o terneiro morre dentro da barriga mãe, daí infecciona e a vaca também morre. E também tem que cuidar do umbigo pra não abichar. (Pecuarista familiar)

Tu tem de ficar de olho, porque pode acontecer da vaca não conseguir parir. Daí tu tem de descobrir o problema, porque se o feto estiver virado, tem de desvirar. Se não socorrer na hora, é perda e sofrimento para o animal. Época de parição é época de plantão! (Pecuarista familiar)

A gente faz tudo aqui. Até cesariana a gente faz. Eu aprendi com um veterinário; com anestesia, limpa tudo. O custo do veterinário não paga o valor da vaca, então a gente tem de se virar. (Pecuarista familiar)

Castrar, pra não ter complicação, tem de ser na hora que nasce. Se deixa passar o tempo, depois é forcejar o animal, primeiro porque você vai ter de laçar, tu já não consegue pegar um terneiro grandinho, e tem a queda que vai forcejar. E depois, se tiver grande, faz mais sangue, né. E também é preciso usar os instrumentos certos, caso contrário, pode inflamar dar algum tétano ou abichar. A gente usa uma faca específica, só pra isso. Tem uma série de complicação que pode acontecer. E ali também já sinalo. De imediato, olho de quem é a vaca, faço o sinal. (Pecuarista familiar)

O carrapato foi apontado como um dos maiores problemas enfrentados atualmente pelos pecuaristas familiares em Três Estradas, principal vetor da chamada tristeza parasitária bovina (TPB), doença infecciosa que pode levar o gado à morte. Em função do uso contínuo de carrapaticidas, desenvolveram-se espécies super-resistentes, difíceis de serem combatidas. O banho de imersão é o recurso mais utilizado no combate e prevenção a esse ectoparasita, o que é feito no chamado banheiro bovino, um corredor com aproximadamente três metros de profundidade e nove de extensão, da largura de um animal que, um de cada vez, se atira na água contendo o produto químico. Essa e outras atividades que dependem da contenção do gado, como a vacinação e a marcação tatuada, são realizadas nos currais, localmente denominados mangueiras, para onde o rebanho é recolhido; mais precisamente nos chamados bretes, corredores estreitos dispostos ao lado dos currais, onde o gado é retido um a um para sua melhor manipulação.

O maior problema que temos aqui é o carrapato. Por causa do manejo ele ficou mais resistente. Antigamente, no tempo do meu pai, era mais controlado. Ele tem um vírus que deposita no animal, mata os glóbulos vermelhos e aquilo ali causa uma anemia profunda, uma tristeza no bicho. (Pecuarista familiar)

A gente faz muita transfusão aqui, tira da veia e bota no músculo. Uso pra muita coisa, mas principalmente na tristeza. Quando acontece de me pegar lá no campo sem o remédio, então eu tiro da veia, porque sempre ando com o aparelhinho, uns dez ml, e injeto no músculo. E isso aí segura até eu poder vir buscar o remédio. (Pecuarista familiar)

Do mesmo modo que os bovinos, também as ovelhas exigem revisão e cuidado especial no período da parição. São animais considerados frágeis, com facilidade para adoecer, sobretudo os filhotes, suscetíveis à umidade e ao frio e que nascem justamente no inverno; sendo por isso comuns os chamados guaxos, cordeiros criados na mamadeira pelos humanos, dentro da proteção do barracão.

Esse ano eu criei cinco guaxos. Saía com uma bacia de mamadeiras. Cada um tinha a sua, com nome. Eles não mamam na mamadeira dos outros, estranham as tetas. Teve ano que eu criei doze! (Pecuarista familiar)

As minhas ovelhas são concentradas pra parir, não deixo solta. Quando começa a parir, já começa a trazer pra perto da mangueira, deixo aí no potreirinho, porque senão tem de passar só revisando ovelha. Porque o cordeiro, *bah*, é muito frágil! (Pecuarista familiar)

Eu quero trazer as ovelhas mais pra perto pra ficar vigiando, porque, *bah*, ovelha é o bicho que mais trabalho dá pra parir! *Bah*, esse inverno foi uma trabalhadeira as ovelhas tendo cria na chuva. Teve até de botar um carneirinho debaixo do chuveiro pra aquecer. Daí saiu o cheiro e a mãe não quis. Daí criamos guaxo, na mamadeira. Ele tava entanguido! (Pecuarista familiar)

Tem gente que diz: ‘esse ano não tive guaxo’. É porque tu não achou porque se tu não revisa, você acha morto, daí não tem guaxo mesmo, porque tá morto. Por isso tu tem de sair até duas vezes por dia. (Pecuarista familiar)

A esquila, ou tosa, é parte constituinte da criação das ovelhas, realizada anualmente, findo o rigor do inverno. Descrita como uma atividade dura, a retirada da lã é feita nos animais vivos, exigindo não apenas força e habilidade técnica, como também o conhecimento da anatomia para evitar ferimentos. Esses, quando ocorrem, devem ser curados na hora para não infeccionar e, sobretudo, não atrair a mosca varejeira. É realizada pela própria família com o uso da chamada tesoura martelo. Poucos são os que se utilizam da máquina de tosa, aparelho que facilita e dinamiza bastante a atividade, mas cujo custo ainda é considerado alto. Trata-se de um trabalho lento e que costuma mobilizar a já reduzida força de trabalho familiar, por isso, sobretudo quando se tem um rebanho numeroso, é comum a contratação dos esquiladores, ofício que integra o cenário campeiro.

Não tem como esquilar sentado, é ajoelhado. Tem de ir puxando o couro. Quando corta, tu cura na hora pra mosca não pousar. Tem de saber da anatomia do bicho, senão machuca, porque tem lugares que tem curvinhas, dobrinhas, então tem de saber. (Pecuarista familiar)

Às vezes eu pago pra esquilar. Mas quero comprar uma máquina. Facilita muito. Só que ainda é cara. (Pecuarista familiar)

Todo ano eu esquilo, com tesoura martelo. Eu não tenho máquina de esquila. E o guri nosso já esquila também. Se machuca, tem maneira de curar. Ele já sabe fazer tudo. (Pecuarista familiar)

Na lida campeira, os cães pastores são verdadeiros companheiros de trabalho e desempenham atividades cruciais no cuidado com o rebanho. Como a força do trabalho familiar é reduzida, são eles que acabam assumindo parte das atividades que caberiam ao pecuarista. São geralmente da raça Ovelheiro gaúcho, mas há também outras; alguns são adestrados e outros aprendem por meio da observação. São capazes de agrupar o rebanho e direcioná-lo pelos caminhos pretendidos, além de buscar animais extraviados apenas obedecendo às indicações do dono que, montado a cavalo, coordena seu trabalho por meio de comandos padronizados. Os cães são considerados por muitos como auxiliares indispensáveis, sobretudo quando há mata fechada em que é difícil ou impossível para o pecuarista a cavalo tentar uma manobra na busca do rebanho desgarrado¹⁰.

Pecuária é sempre com cachorro. Desde sempre! Meu pai era assim, meu avô também. Sem cachorro, não dá pra camperiar. (Pecuarista familiar)

Quando acordo, primeira coisa que faço é dar café da manhã pros meus peão: os cachorros! Os peão que eu tenho são os cachorros: quatro! Como somos só nós os dois, sem eles, não tinha como! (Pecuarista familiar)

Quando é um lote maior de vaca, e daí uma vai se abrindo, tu manda o cachorro. Eu digo: “olha a ponta lá” que é a ponta da vaca que tá saindo. Aí a cadelinha vai correndo lá e acoa e faz ela voltar pro lote. (Pecuarista familiar)

Ícone da vida campeira, o cavalo é o auxiliar de destaque; aliás, camperear significa, via de regra, percorrer os campos a cavalo. Considerado imprescindível, conhecê-lo e apreciá-lo é parte do ofício. E apesar da praticidade e do uso generalizado da motocicleta, o veículo está longe de ter os atributos suficientes para substituir o cavalo na lida com o gado.

¹⁰ RIETH, Flavia; KOSBY, Marília Floor et al. *Inventário Nacional de Referências Culturais: Lidas Campeiras na Região de Bagé/RS*. Relatório Final, volume 1. Complexo Criativo Flor de Tuna, Arroio Grande, 2013, p. 158. Disponível in: <https://wp.ufpel.edu.br/lidacampeira/>

Não sai de moto pra camperear, porque às vezes tem sanga, tem mato e a moto não passa. E também pode espantar o animal. E também na moto não dá pra você laçar o gado. Se você vai de moto, e tem um animal abichado, ou com tristeza, você tem de voltar pra pegar o cavalo. Então a gente já vai logo a cavalo. (Pecuarista familiar)

Em Três Estradas é o cavalo da raça Crioulo que predomina absoluto. Considerada a raça oficial do Rio Grande do Sul, durante séculos desenvolveu-se livre nos campos nativos do Pampa, e ainda hoje é criado solto em pastos abertos. E para serem montados, precisam ser domados. A doma, justamente, é um dos pontos altos da lida campeira, apreciada e comentada em rodas sociais, sobretudo masculinas. Apesar de serem todos criadores de cavalo, em Três Estradas só alguns têm a arte de domá-los. Executada geralmente com paixão, além de preparar o animal para aceitar a montaria, o objetivo é ensiná-lo a executar tarefas específicas no trato com o gado. Fundamentalmente, é para o trabalho que o cavalo é domado, apesar de haver também outras finalidades, como as provas de equitação e rodeios.

O treinamento tem como objetivo fazer com que o animal fixe novos hábitos e, independentemente da finalidade, o processo será sempre demorado, com etapas bem definidas que exigem paciência e habilidade. Criado solto e de espírito livre, o cavalo apresenta resistência ao procedimento de dominação; sobretudo, resiste em ser montado. Segundo informações de campo, como a lombar é a região onde costumava ser atacado por predadores, o animal instintivamente procura desfazer-se de quem o aborda por ali. E é fundamentalmente esse instinto natural que o domador deve vencer para cavalgar; e isso lhe exige, além da técnica, conhecer o temperamento do animal. Inclusive as técnicas são acionadas a partir da relação estabelecida entre o domador e o cavalo. Em Três Estradas pratica-se a chamada *doma tradicional*, baseada no uso da força, em contraposição à *doma racional* que visa o condicionamento do animal sem apelo à violência. Explicam, entretanto,

que a força bruta utilizada é proporcional à força com que o animal reage às tentativas de dominação.¹¹

O pai contratava domador, mas não contrata mais porque eu sou apaixonado! Eu uso a doma tradicional, mas só judia no primeiro dia, e já no segundo vou folgando. Na doma racional, você tem de ficar mais tempo com o cavalo, praticamente 24 horas! (Pecuarista familiar)

Todo potro tem de ser domado. Se você não domar, ele não fica manso. São várias etapas; tem de saber, tem de ter o conhecimento senão não doma. E não é só montar, tem de ensinar a lidar com o gado. (Pecuarista familiar)

Se você não domar, não monta em um cavalo! Conforme ele vai cedendo pra mim, vou cedendo pra ele, até a gente entrar num acordo. A gente leva até um ano domando o cavalo. Não ininterrupto, né, porque tem as etapas. Eu fazia todo meu serviço e daí ia pra doma. Duas vezes por dia. Até ele se sujeitar. Daí sim levo pra o campo. Só depois que ele tá sujeito, levo pra ensinar. (Pecuarista familiar)

Eu domava cavalo pra prova, pra competir. Tem uma prova aqui na região que é a prova dos 21 dias. Você tem de pegar um cavalo do zero e apresentar ele domado. Já ganhei algumas. (Pecuarista familiar)

Tem gente que contrata domador. Eu trabalhava pra fora também, mas depois eu parei. O pagamento é por doma. Antes de entregar o cavalo, você vai escaramuçar, mostrar para o dono todas as manobras que você ensinou. Você fica montado e mostra, pode ser com o gado, ou sem o gado mesmo. (Pecuarista familiar)

A arte de preparar e trabalhar o couro, conhecida como guasqueria, também faz parte da lida campeira. Material essencial na fabricação de muitos artefatos e apetrechos, em geral fabricados pelo próprio campeiro, trabalhar o couro vai desde sua retirada e preparo à manufatura de rédeas, laços, peças de arreo, etc.; e quem não sabe da arte, tem de recorrer a quem sabe.

¹¹ “Cada domador tem suas escolhas técnicas que são acionadas a partir da relação estabelecida com o cavalo. Para os domadores, o ‘cavalo é igual ao homem, tem temperamento’, em que uns são mansos, outros são ‘velhacos’.

In: LIMA, Daniel Vaz. *“Cada doma é um livro”: A relação entre humanos e cavalos no Pampa sul-rio-grandense*. Dissertação (Mestrado em Antropologia), ICH, Universidade Federal de Pelotas, 2015, p. 100.

Guasqueria eu mesmo faço. A vaca que eu carneio, eu tiro o couro, tiro o pelo, faço tudo, estaquear também. E daí faço o bocal e outras coisinhas. Sempre aproveita o couro. Se não for aproveitar, dou pra alguém, ou vendo. Sempre que vou carnear tiro o couro, não jogo fora nunca. Eu faço só pra mim, mas quem não sabe fazer, tem de comprar. Ou ganha. Eu já dei muito. (Pecuarista familiar)

Uso o couro do cavalo também. É a lonca, um couro mais fino que a gente usa pra costurar. Quando ele morre, porque não se mata cavalo. É a linha de costura. (Pecuarista familiar)

Outra atividade importante na lida campeira é a construção e a reparação das cercas de arame que limitam as propriedades e dividem os campos no interior. Atividade que requer ofício próprio, realizada pelo alambrador, muitas vezes com o auxílio do próprio campeiro que também conhece da arte. Além do alambrado, alguns se aventuram na ferraria para a feitura de pequenos instrumentos e reparação de outros.

Eu aqui procuro fazer de tudo! Faço o alambrado, faço a chave de arame, que é feita de ferro. Você compra, mas a que eu faço é mais eficiente. (Pecuarista familiar)

Arame dá trabalho e sempre precisa de ajuda, é o tipo de serviço que não dá pra fazer sozinho. Ninguém dá bola pra arame, acha que é uma babada. Mas oh quanto de arame tem numa propriedade. Você tem de aprender a fazer porque também falta mão de obra. E, *bah*, não tem como não fazer! (Pecuarista familiar)

A benzedura também é parte constituinte das atividades campeiras, utilizada pela generalidade das famílias pecuaristas de Três Estradas no cuidado e cura das pessoas e dos animais. Procedimento a que associam o uso de ervas medicinais.

Meu marido sabe benzer bicheira, a frieira no casco. Aprendeu com o pai dele, mas a mãe dele também sabia. Mas minha sogra era mais benzedura doméstica, benzia pessoas, né. E o meu sogro é a benzedura campeira, com o animal. Tem também benzedura para cavalos, pra dor de urina. Meu pai fazia essa pra dor de urina. Muita gente sabe a benzedura campeira. (Pecuarista familiar)

Esse conhecimento de benzer é muito importante. É o que eu falo: um homem de fé não precisa laço! Aqui minha gente era muito de benzer, uma gente de muita fé. E benze gente também. (Pecuarista familiar)

Benzer tem de ter dom, mas a pessoa aprende. Minha mulher aprendeu a benzedura campestre. Como ela não laça bem, já veio grande pra fora, então, se ela tá sozinha, como é que vai laçar uma vaca pra curar? Então eu ensinei ela a benzer, assim, no caso de precisar, como já aconteceu muitas vezes dela precisar. (Pecuarista familiar)

Benzer, o pai que me ensinou a benzer animal. Minha família era muito benzedeira. Eu peguei nos cadernos da minha avó. Isso aí a gente preserva muito, porque ela aprendeu com uma senhora idosa que ajudou a criar ela e que tinha sido escrava. É coisa muito antiga. (Pecuarista familiar)

Outro dia eu estava no meio do campo benzendo os terneiros, por telefone, com o meu sogro lá de Bagé me ensinando. Eu tava sozinha, não tinha como curar. E curou! (Pecuarista familiar)

A irmã do pai benze pessoas, e benze os bichos também. Ela benze de lá de Bagé: gente e animal. Mês passado ela benzeu uma égua nossa. (Pecuarista familiar)

Todos esses saberes e fazeres vêm sendo reproduzidos desde os antepassados, porém, como são praticados por homens e mulheres contemporâneos, foram atualizados de modo a condizerem com o momento e o contexto histórico-social em que vivem; e isso, conforme já referido, em nada altera sua tradicionalidade. A incorporação de novas técnicas apenas ajuda o pecuarista familiar a melhor planejar o manejo com o gado, com vistas a permitir que a atividade permaneça sustentável do ponto de vista econômico, sem perder seu valor de honra. A definição das estações para o acasalamento, por exemplo, além de otimizar o trabalho da família, adapta o processo produtivo ao mercado, determinado por períodos de safra e entressafra, ao mesmo tempo que mantém intactas a funcionalidade dos pilares fundamentais da tradicionalidade pecuarista familiar: terra/família/trabalho. O mesmo se passa com o processo da marcação e da castração dos animais, antes, uma mistura de trabalho e festa anual em que se reuniam família, amigos e vizinhos; hoje, inseridas em outros tempos, são executadas de forma mais pragmática e com menos impacto sobre o animal. O objetivo é otimizar, tornando a lida mais fácil para humanos e animais, e mais viável do ponto de vista do

mercado, o que ocorre também sem alterar seus fundamentos socioculturais.

Eu tenho de ter uma temporada de produção do carneiro. Que adianta eu ter um carneiro fora de época se eu não vou ter ninguém pra vender? E depois facilita o trabalho da gente, porque aí tu planeja pra o carneiro nascer na seca que é o período melhor pra ele. E alterna com a ovelha, pra não ter a parição tudo no mesmo tempo, porque senão tu enlouquece. Não dá conta! (Pecuarista familiar)

O pai não usava isso de inseminação. Essa é uma tecnologia que eu uso. A vantagem da inseminação é a qualidade do sêmen, e o custo, porque o touro é mais caro que o sêmen. (Pecuarista familiar)

Nunca usei inseminação. Uso o touro. Tem o período de entourar, que é você soltar o touro no meio das vacas. Mas primeiro, você tem de ver se estão todas no cio. Daí deixa um tempo, pra ver se cobre todas. É assim que eu faço. (Pecuarista familiar)

A marcação mudou e a castração também. Antigamente era tudo reunido. Também tinham poucas mangueiras então trazia toda carneirada. Ali já laçava, já marcava e castrava, e também sinalava. Era tipo uma festa. Isso no tempo do pai. Hoje é mais fácil castrar e sinalizar no momento que nasce, faz menos sangue e forceja menos o animal. E marcar é no brete. Não tem mais essa festa. (Pecuarista familiar)

2.3. Cultura e ordem moral: o trabalho e a produção pecuarista familiar

Independentemente das mudanças, em Três Estradas a prática segue sendo tradicional. Até porque, não é a utilização de técnicas e saberes contemporâneos que dá ao pecuarista familiar seu diferencial, mas a inserção em uma ordem moral; e essa, em Três Estradas, permanece. Ali, ainda são razões de natureza não-econômica o principal fator de sustentação da lida, aquilo que realmente motiva e move as atividades campeiras. Nesse sentido, pode-se dizer que a lida segue *não-moderna*: diferentemente da produção *para* o mercado, não se obriga a terra a ser sempre produtiva, nem dela se tira o máximo; a relação é de outra natureza, estimulada muito mais por um senso de honra que de lucro. De acordo com as informações de campo, os que atuam motivados fundamentalmente pela lógica do mercado não são de Três Estradas; vieram de fora, e apesar das boas relações de vizinhança, vivem afastados, distantes da pecuária familiar e de sua moralidade.

Modernizou um pouco, mas a gente ainda segue o tradicional. Se for ver, do tempo dos meus avós pra hoje não tem muita diferença. Antes não tinha muito carrapato, e a inseminação naquele tempo não usava. Mas cavalo segue o mesmo, o cachorro, ovelha.... Tropeada também mudou. Hoje só quando é perto, de uma propriedade pra outra. (Pecuarista familiar)

Os plantadores de soja que tem aqui não são daqui da região, vieram de fora. Daqui mesmo acho que só dois que arrendaram pro soja. Eles chegam botam veneno, matam tudo e plantam. E quando não é a soja é o milho. A terra nunca tá ociosa. Estão sempre sempre produzindo. Mas só tiram, né. (Pecuarista familiar)

Os pecuaristas familiares são, assim, portadores de uma moral, de uma ética que se reproduz e se atualiza na prática, desde os ancestrais. Na base dessa ética e dessa moralidade destacam-se dois valores especialmente significativos em seu universo: o trabalho-honra já mencionado neste laudo, concebido menos como mercadoria e mais como conduta moral; e o fruto desse trabalho: os animais e seu estatuto, vistos e tratados como seres vivos que são e não meros objetos.

O trabalho é a categoria que, como referido, tem o atributo de transformar a terra em patrimônio. Porém, não é qualquer um, mas o realizado pela família. É ele que traz a insígnia do trabalho-valor, opondo-se ao trabalho-fator de produção; uma potência positiva que ultrapassa as fronteiras da economia para tornar-se, nos termos de Kosby & Silva, uma “agência construtora dos sujeitos”¹². Nesse contexto, o trabalho remete mais a uma ordem moral onde a terra é patrimônio, e menos a uma ordem econômica onde a terra é mercadoria. Por isso não é vendido; realizado *para nós* e não *para mim*, responde a um pacto de honra, e não de mercado. E no universo da honra, mais que troca, as relações são de reciprocidade, registro importante que diferencia o campesinato dos demais produtores rurais;¹³ e é nele que se insere o trabalho familiar da lida campeira, numa acepção que se equivale mais a um não-trabalho.

¹² KOSBY, Marília F. & SILVA, Liza B. M. INRC – *Lidas campeiras na região de Bagé/RS: inventário dos ofícios e modos de fazer da pecuária no Pampa*. Revista Perspectivas Sociais. Ano 2, Nº 1, Pelotas, 2013, p. 9.

¹³ BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. Perspectiva, São Paulo 2004.

Aqui é meu e da família também. Na verdade dividimos com todo mundo. Nós temos nosso pedaço, mas aqui onde a gente mora é do pai. Minhas irmãs têm a área delas, e minha tia também, mas ninguém mora aqui, e a gente que cuida de tudo. A gente não cobra das gurias isso, né. (Pecuarista familiar)

Eu tiro leite só pra consumo. Antigamente eu levava pro pai, mas não tenho obrigação de levar. Não tem uma regra de distribuição de bens, mas eu não mato uma vaca da minha irmã. Se eu vou carnear pra mim, eu mato a minha. Se ela quiser carnear, eu carneio pra ela, mas é dela. E não cobro. (Pecuarista familiar)

Bah, não tem disso trabalhar de graça. Isso não é trabalho. A gente vai fazendo, e vai cuidando de tudo. Não tem separação. Não vou dizer, “oh tô pegando a sua ovelha pra curar, é tanto”. Não! A gente divide os custos, né, divide remédio. Mas daí vendeu, cada um fica com o seu. (Pecuarista familiar)

O trabalho, isso não cobra da família. A lã que eu esquilo pro meu tio é dele. Não vou cobrar dele o trabalho. Só divide os custos. (Pecuarista familiar)

Aqui é tudo junto. Ele cuida do nosso, cuida da mãe, da irmã dele. Criam junto. Não tem essa coisa de pagar, lida de campo pra quem gosta, não é trabalho. (Pecuarista familiar)

A lida campeira é um eterno cuidar dos animais: a presença humana atua fundamentalmente na sua proteção, alimentação e cura. São abordados sob seu aspecto utilitário, evidentemente, recursos usados para alimento, mercadoria ou força de trabalho, base da economia campeira. Por isso, não chegam a ter o estatuto de pessoas não-humanas, postulado pelos meios abolicionistas mais progressistas de defesa dos direitos dos animais. De todo modo, o tratamento que recebem se diferencia radicalmente do dispensado a eles pela indústria agropecuária, onde são equiparados a coisas inanimadas, submetidos a condições brutais e cruéis. O pecuarista familiar, ao contrário, os vê e trata como seres sencientes que são, dotados de movimento e sensibilidade; e por isso com muito mais respeito. Sobretudo, há o sentimento de responsabilidade pelo bem-estar animal, alvo de inúmeros cuidados por parte dos humanos, inclusive espirituais por meio de rezas e benzeduras.

São condutas que têm sua razão-prática, considerando que do bem-estar animal dependem os ganhos e a sustentabilidade econômica da atividade; mas há também uma razão-simbólica. O pecuarista familiar conhece seus animais pelo temperamento, partilha com ele de uma intimidade jamais imaginada na produção industrial: “nenhum bicho é igual ao outro, a gente conhece e nota a diferença”. Essa visão o motiva o respeitá-los e cuidá-los mesmo quando o retorno financeiro é pequeno, ou mesmo nulo. É uma relação comercial, é certo, mas de outra natureza, motivada por valores que não estão centrados apenas na ideia do lucro e do ganho. A lida campeira é extensiva por definição: os animais são criados soltos, livres e em contato com a natureza, com raras intervenções que cerceiam essa condição de liberdade, e quando ocorrem são para o cuidado e o bem-estar do rebanho. São princípios morais que inserem ao pecuarista familiar e seus animais num universo completamente diferente do domínio ético da produção em série da grande indústria de seres vivos.

O terneiro que já tá pastando, você tem de fazer com que ele pare de mamar pra vaca entrar no cio. Mas não vamos largar ele na mangueira e soltar a vaca porque isso gera um estresse. Então a gente bota essa tabuleta na boca dele. Não atrapalha ele a pastar, mas impede dele mamar. Uma vez prenha, tira a tabuleta e ele volta a mamar. Isso evita estressar o terneiro porque ele continua com a mãe. (Pecuarista familiar)

Eu fiquei mais de um mês aqui sem ir pra cidade cuidando dos guaxos. Mesmo se eu desse a mamadeira de manhã e voltasse pra dar a outra de tarde, eles iam ficar o dia todinho aqui, *bah*, eles iam ficar berrando, então eu não deixava, eu não ia. Teve um, que eu levantava de duas em duas horas, na madrugada, pra dar mamadeira. Tava fraco, fraco, quase morreu. Mas salvei todos. (Pecuarista familiar)

2.4. Estratégias de mercado para a reprodução de uma ordem moral

Não obstante a especificidade moral do universo pecuarista familiar, pautado mais por relações de reciprocidade que por trocas mercantis, sua produção e reprodução não deixam de estar condicionadas ao mercado. Afinal, não se trata de grupo isolado, encerrado em si mesmo, mas segmento da sociedade nacional, parte

constituente do seu sistema socioeconômico. E por isso precisa de cálculo econômico para se reproduzir; e de um cálculo hábil o bastante para garantir que o trabalho familiar, assim como sua produção animal, adquira valor de mercado, mantendo o valor de honra. A emigração, o trabalho remunerado fora, e, mais recentemente, o consórcio com o agronegócio, notadamente o cultivo da soja, são estratégias que cumprem em Três Estradas essa função; atividades que, embora alheias à lida campeira, são praticadas, não visando lucro ou riqueza, mas para assegurar que valores caros ao grupo sigam operantes.

A continuidade da pecuária familiar, assim como de todo o campesinato, depende do apoio de redes sociais, fundamentalmente de parentesco, que não são apenas internas; precisam ser também externas, e é a emigração - a saída dos parentes da campanha - que garante sua existência. Nesse contexto, a emigração é um arranjo sociológico cuja função não é outra se não contornar a inexorável indisponibilidade de terra para todos: não há espaço para a integralidade do grupo doméstico permanecer na terra-patrimônio, executando o trabalho-honra. É imprescindível que esse trabalho familiar na terra aconteça, mas para garantir que a tríade fundamental terra/família/trabalho continue operando não é preciso que todos os membros da família o execute. Enquanto o grupo doméstico puder manter pelo menos um de seus integrantes no trabalho-honra, sua reprodução social está assegurada, assim como salvaguardados o patrimônio e a honra da família. Mas para isso boa parte dos herdeiros tem necessariamente de sair.

Nesse caso, ao contribuir ativamente para a reprodução social da família pecuarista, quem sai para o trabalho fora segue de certo modo participando de seu universo sociocultural, mantendo-se, no mínimo, na órbita de seu ordenamento moral; se assim o desejarem, evidentemente, porque as migrações podem também implicar em uma saída definitiva. Seja como for, a migração dos filhos - sazonal, temporária ou definitiva - é uma estratégia largamente adotada em distintas partes do Brasil e da Europa, identificada pelos estudos de Antropologia como necessária, parte constituinte da própria dinâmica da reprodução social do

campesinato. Nos termos do já mencionado Klass Woortmann, a aparente exclusão de membros da família da ordem moral camponesa pela migração é, na realidade, “um componente dessa ordem, parte de uma tradição que possibilita a continuidade do campesinato no mundo moderno”; uma alternativa à fragmentação do patrimônio familiar e, em muitos casos, à proletarização.¹⁴

Assim, em Três Estradas poucos são os que têm o “privilégio” de permanecer na lida e se reproduzir enquanto pecuarista familiar. Entretanto, os “sacrificados”, que também podem ser vistos como “poupados” - a depender da perspectiva -, além de permitirem a reprodução social do grupo, garantem nele seu próprio pertencimento. Por outro lado, quem se mantém na lida, não migrou nem precisou vender sua força de trabalho fora do universo-honra, certamente só o fez porque contou com o respaldo dos que migraram: dos que não puderam ou não quiseram permanecer na campanha. Conforme já se mencionou, o campesinato tem sua base fundada na reciprocidade; por isso, os que ficam recebem dos que migram um *dom*, uma dádiva que, condizendo com a clássica teoria das trocas-recíprocas de Marcel Mauss, deve ser retribuída: todo *dom* exige um *contradom*¹⁵. O não-trabalho, isso é, o trabalho-valor não remunerado praticado por quem permaneceu na terra, assume essa função de *contradom*, a contrapartida oferecida pelos que ficam aos que saem.¹⁶

Em Três Estradas foram muitos os que migraram e que ainda migrarão, elemento constituinte da própria reprodução social do grupo. E apesar de haver hoje muito menos habitantes que há cinquenta anos, isso em nada afeta o *modus operandi* pecuarista familiar dos que ali

¹⁴ WOORTMANN, Klaas. “Com Parente Não se Negueia” *O Campesinato Como Ordem Moral*. Anuário Antropológico/87. Tempo Brasileiro/Editora Universidade de Brasília, 1990, p. 52

¹⁵ MAUSS, Marcel. “Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas” In: *Sociologia e Antropologia*. Vol. 2. E.P.U./EDUSP, São Paulo, 1974.

¹⁶ De acordo com Woortmann as compensações ao “sacrifício” dos que migram podem, inclusive, significar pesado ônus para aqueles que permanecem. WOORTMANN, Klaas. Op. Cit. 1990, p. 53

permanecem. Não é a quantidade de pessoas residentes no local que importa, mas o estilo e a qualidade de suas vidas: o tipo de valor e *ethos* que ainda reproduzem. E, como mencionado, a emigração não é uma ameaça a esse modelo, pelo contrário, é um facilitador. Ela só se torna problema, transformando-se em elemento perturbador da ordem moral camponesa, quando o indivíduo livre vence a família-honra. Nos termos de Woortmann,

“Com a emergência de projetos de vida individuais, a migração muda de significado. De uma migração estruturante (...), passa-se para uma migração desestruturante, ditada, não mais pelos interesses da Casa-Tronco, mas pelos interesses do indivíduo.¹⁷”

O sujeito que migra e opta pelo trabalho *para mim*, abandonando o trabalho *para nós*, deixa de investir na perpetuação do patrimônio e da família para privilegiar a reprodução social do indivíduo. Uma escolha ao alcance da liberdade individual de todo pecuarista familiar, mas que pode representar a dissolução e disjunção do modelo. Se todos migram, sem se preocupar ou sem poder garantir a permanência da terra e do trabalho de pelo menos um dos membros da parentela, a experiência cotidiana com a lida deixa de existir, e com ela desaparecem dois dos três pilares básicos de seus fundamentos: terra e trabalho, o que necessariamente conduz à fragmentação da identidade. Afinal, não basta ser *família*, é preciso ser pecuarista nos campos nativos do Pampa para ser um *pecuarista familiar*.

Outra estratégia de reprodução utilizada em Três Estradas é o trabalho realizado fora, em ofícios alheios à lida campeira, mas exercidos de modo a não incorrer no seu abandono definitivo. Mediante migrações temporárias ou sazonais, são atividades que permitem ao pecuarista manter o vínculo, mediante dupla residência, acompanhando ou mesmo executando a prática e o saber campeiros nos momentos de folga do trabalho na cidade, como fins de semana, feriados e férias. Mesmo quando se ausenta por longos períodos, o vínculo permanece e o faz

¹⁷ WOORTMANN, Klaas. Op. Cit. 1990, p. 55.

retornar, ou por ocasião do envelhecimento dos pais, quando assume seu lugar, ou após concluir os estudos, ou mesmo depois de aposentado. Em Três Estradas há comerciantes, profissionais liberais, funcionários públicos e privados em situações semelhantes a essas, pessoas que ou voltaram e agora estão à frente das atividades campeiras, ou mantêm a dupla residência, permanecendo ativos na lida, nem que seja no seu gerenciamento.

O importante é que a continuidade da tríade básica terra/trabalho/família esteja garantida. E para isso alguém forçosamente tem de permanecer na terra, assumindo o trabalho no campo que, a rigor, é contínuo e sem folga, considerando tratar-se da produção de seres vivos sencientes que exigem cuidados regulares. Em Três Estradas, porém, nem todos são os que conseguem manter um membro da família no campo, ou porque todos migraram, ou porque são muito jovens e/ou muito idosos. A estratégia utilizada nesses casos é a contratação de um trabalhador, um peão campeiro - membro da própria comunidade ou não - que irá garantir a continuidade do trabalho e do rebanho mediante o pagamento de salário e/ou diária, bancado pela remuneração que a família recebe no trabalho fora.

Aparentemente controversa, essa é uma estratégia que, na prática, garante a manutenção do trabalho na terra, mesmo quando executado fora do âmbito exclusivo da família. São situações vistas e abordadas como transitórias, ainda que possam durar anos; porém, como permanecem determinadas pelo caráter familiar da produção, asseguram ao pecuarista familiar manter-se dentro, mesmo quando se vive fora. Um arranjo sociológico, portanto, que não contraria o trabalho-honra, e confirma que além de uma razão-prática, o trabalho assalariado no contexto do campesinato tem também uma razão-simbólica; por isso, nas palavras de Woortmann: “longe de se opor ao modelo da família camponesa, ele pode ser acionado para evitar a ruptura desse modelo.”¹⁸

¹⁸ WOORTMANN, Klaas. Op. Cit. 1990, p. 26.

O mesmo se aplica aos recursos financeiros derivados do arrendamento para o agronegócio. Quando em Três Estradas parte da terra é cedida para o cultivo da soja e os valores monetários adquiridos são incorporados à atividade campeira, o intuito não é outro se não o de gerar renda para garantir a reprodução social da pecuária e do pecuarista familiar. É uma atualização histórica em que convivem concepções morais da terra com concepções mercantis. A isso Klaas Woortmann definiu como *campesinidade* em graus distintos de articulação com a modernidade, um movimento que pode ser, ele mesmo, necessário para garantir a manutenção da própria condição camponesa.¹⁹

Portanto, dizer que uma comunidade é formada por pecuaristas familiares, indica evidentemente que a pecuária é o fator de força simbólica na construção da identidade; porém, não significa que todas as pessoas que integram tal comunidade têm, necessariamente, de praticar a pecuária e, tampouco, que aquelas que a praticam não exerçam outras modalidades de atividades econômicas.

A propriedade é pequena, então algum filho tem de sair. Mas sempre fica alguém. Se não é o filho, é o neto, ou um sobrinho. Os que saem muitas vezes dependem também da campanha, mas nem todos. (Pecuarista familiar)

Na minha família todos os filhos saíram pra estudar. Cada um foi para um rumo, porque não dá pra todo mundo viver de um lugar só. Não tem como sustentar todos. Minhas irmãs, as duas trabalham fora, mas elas tiram alguma coisa daqui também. Mas não moram aqui e penso que não vão voltar. Pode ser que algum sobrinho queira. (Pecuarista familiar)

Quando eu estudava na cidade, só vinha fim de semana e férias porque eu também trabalhava. Meu pai morava com minha mãe aqui sozinhos. E quando eu vinha, fazia de tudo, ajudava meu pai. (Pecuarista familiar)

Nosso vizinho ali, ele não tem filho. É advogado e reside mais é em Santa Maria, e vem só final de semana, feriado, férias... Mora aqui também, mas não é fixo. Quem cuida do gado dele é o meu marido, já há muitos anos, e recebe salário, é fichado. (Pecuarista familiar)

¹⁹ WOORTMANN, Klaas. Op. Cit. 1990, p. 14.

Eu penso em arrendar pro soja, mas vou continuar com o gado. Independentemente do que aconteça, a pecuária a gente não deixa. Porque tu tem de entender do seu negócio. E o que a gente entende é da pecuária. Então desse eu não posso largar. (Pecuarista familiar)

2.5. Bioma e identidade

No contexto sociocultural pecuarista familiar, a migração, o trabalho fora e o consórcio com o agronegócio, antes de serem recursos econômicos, são estratégias de reprodução social; atividades absorvidas e inseridas na ordem moral camponesa com o objetivo de alcançar um mesmo ponto de honra: garantir que a tríade fundamental terra/família/trabalho siga operante e funcional.

E se recursos exógenos como esses são absorvidos a ponto de se tornarem elementos constitutivos da autorreprodução do grupo é porque muito mais que um sistema produtivo, o *modus operandi* pecuarista familiar é uma cultura: uma maneira de ver o mundo e de interagir com seus eventos, ancorada em valores ancestrais. É essa a força que o habilita a adaptar-se à atualidade histórica, engendrando novas pautas econômicas e sociais, mesclando e ajustando o novo e a novidade sem pôr em causa as bases de sustentação de sua identidade – sua marca enquanto segmento sociocultural diferenciado. É por ser cultura que o sistema consegue uma tal plasticidade em sua autorreprodução, mantendo-se tradicional, sem deixar de ser contemporâneo.

É certo que o pecuarista familiar encontra muitas dificuldades para se reproduzir social e culturalmente. O contexto atual exige dele uma conexão com os centros urbanos nem sempre acessível, e muitas vezes estimula alternativas que levam à perda da terra e à consequente fragmentação da identidade. Por outro lado, a existência de óbices é parte do processo de reprodução social de qualquer sistema cultural, um motor que estimula as atualizações e força o movimento adaptativo às novas realidades. Motor esse que, em contrapartida, esbarra em uma força de resistência potente que impulsiona continuamente a permanência: a

identidade. Com raízes profundamente arraigadas em uma linha de ancestralidade que se perde na memória, a noção de identidade enquadra-se no que Marcel Mauss denominou de *categorias do espírito humano*; uma potência cultural que, do ponto de vista de qualquer indivíduo, tem seus pressupostos ancorados em uma antiguidade imemorial.²⁰ Ele já as encontra em uso corrente quando nasce e após sua morte seguirão em circulação, com alguma ou nenhuma variação. Daí sua força resistente que, a despeito de todo e qualquer óbice, persiste em se reproduzir.

A força identitária pecuarista familiar reside em redes de interações sociais e ecológicas que se reproduzem no espaço onde habitam, e em nenhum outro lugar. Uma identidade intrinsecamente vinculada ao bioma: longe dos campos nativos o pecuarista familiar não existe; e nisso se afasta bastante do produtor rural que, dependendo basicamente de fatores econômicos, é capaz de se reproduzir em qualquer ambiente. O pecuarista familiar, pelo contrário, tem com o Pampa uma conexão que é de outra natureza, é simbiótica: se você não tem o campo nativo, você não tem o pecuarista familiar. O respeito à sua integridade ambiental é, por isso, um respeito à própria identidade; um movimento de autopreservação. Não se trata de conservar apenas um recurso material, passível eventualmente de ser substituído por outro, mas de um recurso simbólico e social que se refere à própria existência.

Daí a razão de a terra ser para ele a morada da vida, porque é o espaço físico, social e simbólico onde estão assentados os valores mais caros de sua existência. Nas palavras de Woortmann, o campesinato constitui um ordenamento do mundo onde a terra, mais que coisa, é pessoa moral, com a qual se mantém um princípio de troca recíproca²¹.

²⁰ MAUSS, Marcel. “Uma categoria do espírito humano: a noção de pessoa, a noção do eu”. In *Sociologia e Antropologia*. Vol. 1. São Paulo: E.P.U./EDUSP, 1974, p. 209.

²¹ WOORTMANN, Klaas. “Com Parente Não se Negueia” *O Campesinato Como Ordem Moral*. Anuário Antropológico/87. Tempo Brasileiro/Editora Universidade de Brasília, 1990, p. 62.

Por isso é inegociável e inalienável; em Três Estradas equiparada a um “membro da família” (não se vende um pai nem se troca um filho). Não se trata apenas de apego, amor ao torrão natal, é mais, é vínculo identitário. Nas palavras de um dos informantes: “Se me tiram daqui me matam!”, e, de fato, se não eliminam o indivíduo, sempre hábil a se adaptar em qualquer ambiente, mata-se a cultura, o recurso simbólico que tece e dá tessitura à sua identidade de pecuarista familiar.

Resultado de séculos de evolução e coexistência com o bioma Pampa, o espaço social do pecuarista familiar é exclusivo, nele desenvolvendo atividades econômicas que não transformam a natureza em algo diferente do que sempre foi. Detentores de um elevado conhecimento prático sobre os organismos naturais que manejam, os pecuaristas familiares apenas se encaixam, adaptando-se, tendo substituído os antigos herbívoros nativos, que já foram abundantes no Pampa²², por outros: bovinos, ovinos e equinos. Por isso não são agricultores; no máximo cultivam o que chamam de *cercado*, pequena produção de hortaliças próxima às residências. Sua identidade - assim como seu estatuto de *comunidade tradicional* - é, desse modo, inseparável da biodiversidade nativa. Sua cultura e estilo de vida (*ethos*) decorrem da experiência de se viver e se reproduzir nesse ambiente natural único, por meio de uma ocupação humana intrinsecamente conservacionista. Como já mencionado, uma relação simbiótica que necessariamente conduz à conservação do bioma.

Isso aqui que eu tô produzindo tá bom pra mim, e não interessa o que vai me dar mais. Porque você tem de ver que é uma questão familiar. Porque eu tenho essa propriedade aqui como alguém da minha família. Acho que essa é a diferenciação. Tem gente que não tem essa relação com a terra. (Pecuarista familiar)

A calculadora mostra vantagem, manda a gente plantar, arrendar pra soja ou aumentar a pastagem. Vou ganhar mais dinheiro, mas eu não

²² CRUZ, Rafael C. e GUADAGNIN, Luís D. *Uma pequena história ambiental do Pampa: proposta de uma abordagem baseada na relação entre perturbação e mudança*. Universidade Federal do Pampa e de Santa Maria, Rio Grande do Sul, 2012.

tô interessado. O que a gente faz aqui, eu tô contente com isso. (Pecuarista familiar)

Mas a gente preserva, a gente quer passar para nossos filhos e netos. O amor que eu tenho por isso aqui, é um amor por família, e eu passo esse amor para os meus filhos. Não é “seu filho morre, você faz outro” Não! Não é assim. Podem me dar o dobro, o triplo, eu não quero. Não tem preço. Muita gente não entende. (Pecuarista familiar)

Se eu lavrar a terra eu destruo ela. Por isso não fazemos pasto. Com a pastagem, realmente, o cara dobra, triplica a lotação na área, mas ele vai pôr um veneno pra matar o pasto que já existia só pra formar mais rápido. É sempre a pressa pra ficar pronto antes, e produzir mais. Essa não é nossa cabeça. Nossa tradição é outra. (Pecuarista familiar)

Já me ofereceram arrendar uma parte pra plantar, mas não quero. E esse sempre foi o nosso pensamento, não é só meu. Sempre foi assim. Meu pai, meu avô, sempre pensou assim. E os vizinhos também. Agora, sempre pode ter aqueles que se rendem, mas a maioria fica do jeito que tá, porque tá bom. (Pecuarista familiar)

Aqui a gente não tem agricultura. Justamente pra não agredir. Agricultura é muito agressiva e toda essa diversidade de pasto que a gente tem... porque depois que joga veneno esse pasto nativo não brota mais como antes. Enfraquece! Pode até brotar, mas nunca mais é o que era. (Pecuarista familiar)

Lavoura só pra consumo, no cercado. Não tem plantação. Só quem não é daqui não trabalha com a lida de campo nativo. Quem é daqui não deixa a pecuária. (Pecuarista familiar)

Aqui a maioria gosta é do campo nativo. A soja é praticamente só nos campos que foram vendidos. E quem comprou já era agricultor, tudo de fora. Daqui mesmo só uns poucos arrendou pra soja. (Pecuarista familiar)

Com uma cultura fincada no Pampa, garantir sua integridade é ponto de honra e faz parte do manejo; aliás, é condição. Se a lida campeira, enquanto atividade produtiva, tem de responder a um cálculo econômico, tem também de responder a um cálculo ambiental de respeito à capacidade do ecossistema; afinal, melhorar a produtividade forçosamente é melhorar a qualidade dos campos nativos. E isso só é possível permitindo a reposição da flora. Assim, adotando uma série de condutas, e adequando o manejo, o pecuarista familiar tem mantido o controle da lotação dos pastos, de modo a permitir o equilíbrio entre a oferta suficiente de alimento para o gado, e o espaço necessário para que

o campo nativo consiga brotar e crescer. Algumas dessas condutas, descritas por eles próprios:

O nosso campo aqui é bom, mas tem a cota certa. Se passou, vamos nos apertar. Se o tempo tá seco, não pode ficar o campo cheio. Tem de fazer uma rotação pra reposição do pasto. (Pecuarista familiar)

Porque se não tem gado, o pasto brota e cresce. Mas se tem sempre o bicho comendo, não vai crescer. Então a gente tem de reequilibrar de modo que a vaca consiga comer e o campo consiga brotar. (Pecuarista familiar)

O principal que degrada o Pampa é o excesso de carga. A gente tem esse cuidado. Porque é assim, o campo é inteligente. Se a senhora colocar mais que ele pode, ele corrige. Se cabe num hectare um animal, e você colocou três, vai acabar morrendo dois. A gente fala que o próprio campo ajusta a lotação, porque daqui a pouco cai numa sanga e só sobrevive o mais forte, os mais fracos morrem. (Pecuarista familiar)

A gente trabalha de acordo com o que a natureza deixa a gente fazer. A sanga, que é uma nascente de água e daí escorre. Se começar a botar muito gado, vai beber e aquilo vai começar a desbarrancar, vai dar erosão e se desmanchar a sanga. Então tem de calcular, deixar o gado beber, mas sem deixar a erosão tomar conta. (Pecuarista familiar)

Aqui nós não temos esse problema da compactação que é pressionar o solo, a gente deixa o campo respirar. Tem de dar tempo pra brotar de novo, e isso a gente faz com a rotação, ou mesmo diminuindo a lotação por meio de uma venda. Isso vai de acordo com o ciclo natural. Mas tu tem de permitir esse ciclo. (Pecuarista familiar)

Meu lixo todo eu levo pra cidade. Única coisa que deixo aqui é folha e terra. A gente preserva porque gosta. A gente preserva tudo enquanto é manancial aqui, desde o tempo dos meus bisavôs. A nossa água aqui não tem igual. Todo mundo aqui bebe direto da torneira porque a nossa água é pura. E isso é uma coisa que a gente cuida muito. (Pecuarista familiar)

Aqui é só pasto nativo. Não tem ninguém que substituiu o nativo pela pastagem. A pastagem com azevém, que é o pasto plantado, é só pra tratar aquele bicho mais necessitado. Mas é pouca coisa, pedacinho de nada. E é só no inverno. (Pecuarista familiar)

No inverno, eu joga o azevém no campo e roço, só num pedaço pequeno, e com a palha do campo faço uma cama e ali ele brota, sem precisar virar a terra. Eu não tiro o campo nativo. E ali eu boto uma vaca que tá precisando de cuidado. É um pedaço pequeno de pasto e se tem umas quantas precisando, a gente faz o rodizio, e aquela que vai melhorando, vai saindo. (Pecuarista familiar)

Na verdade, pastagem é só hospital. Pra gado e ovelha. É uma prática que vem dos antigos. Meu avô sempre usou o azevém como hospital. O azevém que você joga, não vai competir com o pasto nativo. A gente não mexe na terra. Só espalha a semente, e quando vem a primavera, já acabou o tempo dele, daí o campo nativo tá vindo de novo, então ele não prejudica. (Pecuarista familiar)

2.6. Comunidade e território tradicionais em Três Estradas

No universo sociocultural do pecuarista familiar, a terra, além de patrimônio, é o local onde estão tecidas as redes da sociabilidade. O núcleo é o grupo familiar, entretanto, ele não está isolado nem vive descolado dos demais, mas interligado a outros por meio de redes de trocas simbólicas e materiais.

Em Três Estradas foram mencionadas cinco famílias precursoras, as primeiras parentelas a se fixarem no local: Machado, Camargo, Trindade, Jardim e Oliveira; às quais foram se agregando outras que chegaram posteriormente pela compra e/ou pelo casamento. Entrelaçadas por redes de parentesco, compadrio e vizinhança, essas famílias vêm há décadas se relacionando e desenvolvendo coletivamente modos de fazer e viver naquele ambiente específico do Pampa. A partilha dessa experiência, e de sua memória comum, criou vínculos e obrigações que são de natureza moral; uma malha de engajamentos sociais constituída por trocas estabelecidas com base na reciprocidade. Essa, por sua vez, opera no âmbito do simbólico e só existe entre pessoas (e não indivíduos) que partilham o mesmo senso de honra²³. Sobre isso, Klaas Woortmann fez a seguinte observação:

Se a reciprocidade exige um *outro* para que possa haver a troca, ela supõe, também, a construção de um *nós* que se contrapõe a um outro *outro* - o estranho. Esse *nós* é constituído por iguais em honra. Por isso, a reciprocidade se realiza no interior de um território que é, também, um espaço de identidade (...), onde as práticas são

²³ BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. Perspectiva, São Paulo, 2004.

obrigatórias, pois o que realmente está em jogo é o *todo* (a comunidade, a família, etc.)²⁴

São relações que dão densidade social aos pecuaristas familiares de Três Estradas e alinhavam uma identidade que é própria e coletiva; e os enquadram na definição de *comunidade*, nos termos do Decreto 6.040/2007: uma *comunidade tradicional*.

A vizinhança, o convívio, os costumes são os mesmos, todos fazem a mesma coisa, do mesmo jeito, e quando precisa é o vizinho que vem socorrer, mesmo na sua ausência. É só ligar. Se ajudam mesmo! (Pecuarista familiar)

A minha família tá aqui, ninguém sabe nem precisar o tempo. Aquela casa ali onde minha avó nasceu é de 1908. E os pais dela também já eram daqui. E assim são os outros. Conheço todos os vizinhos, os que são da minha geração, que fomos guri juntos, conheço os pais deles, os avós deles.... Embora muitos são parentes, mas outros não são meus parentes, são vizinhos, mas são, *bah*, de muitos anos! (Pecuarista familiar)

Aqui todo mundo se conhece. Eu visito meus vizinhos, e recebo muita visita. Eles vêm todos! Oferece um churrasco; ou um bolo de tarde. Aqui somos uma comunidade. Tem alguns que chegaram depois que não tem tanta intimidade. Mas é da comunidade também, porque se precisar, tá pronto pra ajudar. Agora, aquelas famílias mais antigas, que desde os avós já se relacionavam, aí é bastante convívio que a gente tem né. Também porque as famílias se misturaram, casou entre si, virou meio que parente. (Pecuarista familiar)

E porque partilham dos mesmos valores, formatando uma comunidade, partilham de um mesmo projeto: a autorreprodução sociocultural. Por isso se ajudam, tanto no fazer quanto no saber da lida campeira, garantindo a reprodução dos modos de pensar e agir.

Em Três Estradas somos uma comunidade; se tu precisa de alguma coisa minha, tu usa. Se eu preciso de alguma coisa tua, eu uso. É assim. A gente fala de comunidade porque a gente se ajuda mutuamente. Tudo que um precisa, o outro ajuda. Tu não ajuda pensando que você vai me ajudar depois. Se cai a vaca dele num

²⁴ WOORTMANN, Klaas. “Com Parente Não se Negueia” *O Campesinato Como Ordem Moral*. Anuário Antropológico/87. Tempo Brasileiro/Editora Universidade de Brasília, 1990, p.60.

buraco, e ele não tem trator, vou lá e tiro a vaca dele. (Pecuarista familiar)

A troca de serviços é uma modalidade comum no campesinato, utilizada para compensar as restrições da força do trabalho familiar.²⁵ Porém, mais que compensação de mão de obra, as trocas são redes de reciprocidade, relações que produzem e reproduzem valores, movidas por um sentido de dignidade ancestral coletivo. São serviços sem preço, uma relação de confiança e respeito; e, sobretudo, são ponto de honra que gera identidade e coesão social. Não se nega nem se barganha uma ajuda, e fazê-lo é romper os laços comunitários. As trocas, ademais, não são apenas de serviços, mas também de saberes, elemento essencial na reprodução do conhecimento.

A mão de obra pode ter essas ajudas. Tem trocas com o vizinho. Se tem duas, três cargas de gado com carrapato, a gente chama um vizinho pra ajudar. E quando precisa, nós vamos ajudar ele lá. (Pecuarista familiar)

Um vizinho ajuda o outro, sem preço. Não é obrigação devolver, só que mais dia, menos dia, você vai precisar também. É que sozinho não se faz. (Pecuarista familiar)

As ajudas são trocas. Quando se está doente, qualquer um vem ajudar. Qualquer vizinho. Faz comida, arruma casa, etc. Quando eu caí de cama, *bah*, muita gente me ajudou!

Tudo que eu sei aprendi vendo meu pai, mas também aprendi muito com um senhor, nosso vizinho. A doma, quem me ensinou foi esse vizinho do pai. (Pecuarista familiar)

Aprendi a destrancar desse jeito com um guri, não foi com o pai. Muita coisa que aprendi foi dos parentes e dos vizinhos, nos ajudatórios. (Pecuarista familiar)

Em Três Estradas não são apenas os ajudatórios que suprem as limitações na disponibilidade da força do trabalho familiar. Há também trabalhos remunerados que, porém, não deixam de operar no âmbito do universo moral da reciprocidade, parte constituinte do amálgama comunitário. A remuneração marca uma distância social porque ocorre

²⁵ WAQUIL, Paulo; BORBA, Marcos Flávio; et al. *Pecuária familiar no Rio Grande do Sul: história, diversidade social e dinâmicas de desenvolvimento*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2016.

entre não-parentes, ou parentes distantes, de todo modo, se dá entre pessoas que permanecem próximas porque iguais em honra, independentemente das diferenças socioeconômicas que existam entre elas. Por isso, apesar de possuir uma dimensão econômica, a remuneração, nesse contexto, obedece também a princípios comunitários de reciprocidade.

Esse é o costume da região toda. Mas tem também quem cobra, depende do grau de amizade. Se eu tenho um vizinho, posso combinar com o filho dele, te dou tanto por mês pra ti revisar o gado. Ou então deixo ele colocar o gado dele no meu pasto e em troca ele revisa o meu gado. Não cobro das minhas irmãs esse serviço, né. Mas às vezes faz essa troca com o vizinho que mora perto. (Pecuarista familiar)

Meu marido trabalha fixo aqui pra o nosso vizinho há dezessete anos. A mesma lida que ele faz aqui no nosso, ele faz lá, cuidar do gado e ovelha, junto com o dono. O dono também trabalha. (Pecuarista familiar)

Ele trabalha um dia pra um, outro dia pra outro. É diarista. Pros vizinhos, mas trabalha aqui também. E trabalha pra mãe dele também, mas dela ele não cobra diária. (Pecuarista familiar)

De acordo com Woortmann, a remuneração da força de trabalho no universo do campesinato opera no contexto da honra, e ocorre sem perder sua base, fundada na reciprocidade; por isso “em nenhum caso contraria o trabalho familiar; em todos os casos, é determinado pelo caráter familiar da produção.”

Em Sergipe, nas áreas estudadas, o sitiante que emprega diaristas não define a atividade destes como *trabalho*, mas como *ajuda*. O sitiante que assalaria outro sitiante, ou o filho deste, também define seu ato como ajuda. Pensa-se, de fato, numa troca de ajudas. Ainda que se trate, objetivamente, de uma relação de compra e venda de força de trabalho, ela é representada - significada - como reciprocidade entre iguais.²⁶

²⁶ WOORTMANN, Klaas. “Com Parente Não se Neguceia” *O Campesinato Como Ordem Moral*. Anuário Antropológico/87. Tempo Brasileiro/Editora Universidade de Brasília, 1990, p. 60.

Em vista de tudo isso, o significado que a terra adquire para o pecuarista familiar não é igual ao da média dos produtores agropecuários. Assentado em forte base social e simbólica, e com uma ancestralidade que se perde na memória, muito mais que meio de subsistência ou de produção, suas fronteiras encerram um universo - um universo de sentidos, no qual estão inscritas as noções mais básicas da sua existência. É esse o valor que norteia a conduta e o pensamento do pecuarista familiar em relação ao local que ocupam. Daí porque remete a uma ordem moral, reino da reciprocidade onde não se pratica o trabalho-mercadoria, mas só o trabalho-honra.

Para o pecuarista familiar, além de recurso natural imprescindível à reprodução física dos grupos familiares, a terra é recurso cultural e simbólico sem o qual não podem continuar sendo o que são. Nesse sentido equivale-se ao que nos termos do Decreto 6.040/2007 é definido como um *território tradicional*: o espaço necessário para a reprodução cultural, social e econômica dos povos e das comunidades tradicionais.

Por fim, vale dizer que se a identidade e a tradicionalidade pecuarista familiar nunca foram antes reivindicadas em Três Estradas, é porque nunca foi preciso. Não havia até então surgido motivação jurídica e/ou política que levasse o grupo a acionar o estatuto de *comunidade tradicional*, e daí sua falta de visibilidade. Porém, isso em absoluto implica na sua inexistência. O aspecto político dos movimentos identitários tem sido destacado por diversos autores, em todo lugar; no Brasil, Cunha & Almeida sublinham o quanto os grupos passam a “habitar” a categoria *comunidades tradicionais*, juntamente com a garantia de seus direitos.²⁷ “Ocupar” ou não a categoria refere-se, portanto, a um movimento político/jurídico dos segmentos socioculturais que só agora tem surgido em Três Estradas, com a iminência da

²⁷ CUNHA, Manuela Carneiro da & ALMEIDA, Mauro W.B. “Populações tradicionais e conservação ambiental”. In: CAPOBIANCO, J. P. R. (org.) *Biodiversidade na Amazônia Brasileira*. Estação Liberdade, São Paulo, 2001.

instalação em suas terras de empreendimento minerador que ameaça a reprodução social de seu *ethos* e modo de vida.

De todo modo, a categoria social pecuarista familiar é reconhecida no Rio Grande do Sul, com visibilidade nacional e representação na sociedade civil organizada.²⁸ Além disso, seus saberes, ofícios e modos de fazer foram identificados e classificados como patrimônio imaterial brasileiro, por estudo realizado sob a égide do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN): *INRC- Inventário Nacional de Referências Culturais: Lidas Campeiras na Região de Bagé/RS*.²⁹

²⁸ MAZURANA, J., DIAS, J.E. e LAUREANO, L.C. *Povos e Comunidades Tradicionais do Pampa*. Fundação Luterana de Diaconia (FLD), Porto Alegre, 2017.

²⁹ RIETH, Flavia; KOSBY, Marília Floor; et al. *Inventário Nacional de Referências Culturais: Lidas Campeiras na Região de Bagé/RS*. Relatório Final, Volumes 1, 2 e 3. Universidade Federal de Pelotas. Complexo Criativo Flor de Tuna, Arroio Grande, 2013. Disponível in: <https://wp.ufpel.edu.br/lidacampeira/>

3. CONCLUSÃO

Os dados levantados e analisados nesta pesquisa, em conformidade com os fundamentos metodológicos e analíticos da Antropologia, permitem afirmar que os pecuaristas familiares da área de influência do empreendimento Fosfato Três Estradas, no município de Lavras do Sul/RS, apresentam características socioculturais condizentes com o conceito de *povos e comunidades tradicionais*, conforme definição do Decreto 6.040/2007. Isso porque: a) constituem grupo culturalmente diferenciado; b) ocupam e usam a terra e os recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social e econômica; e, c) utilizam conhecimentos, inovações e práticas geradas e transmitidas pela tradição.

Em Três Estradas, os pecuaristas familiares vivem em pequenas e médias propriedades privadas, conforme regime vigente no sistema jurídico nacional. Porém, os processos sociais de ocupação e uso da terra, os vínculos afetivos e a história dessa experiência partilhada pela memória coletiva, atribuem ao espaço um estatuto social e simbólico que vai além do estritamente econômico, convertendo-o em patrimônio e morada da vida. Uma dinâmica sociossimbólica que gera identidade e conferem à terra que ocupam o atributo de *território*, enquadrando-a na definição do Decreto 6.040/2007 para *território tradicional*.

Sua identidade, ademais, é inseparável da biodiversidade: a cultura e o estilo de vida (*ethos*) pecuarista familiar estão intrinsecamente associados à experiência coletiva de habitar os campos nativos do Pampa gaúcho. Os movimentos espaciais das pessoas e das famílias, assim como os diferentes tipos de relações e trocas recíprocas que estabelecem entre si, estão organizados e orientados por redes sociais, simbólicas e ecológicas que só existem naquele ambiente. Um espaço social exclusivo construído a partir da prática de se viver e de se reproduzir no Pampa, e em nenhum outro lugar, e por meio de uma ocupação humana intrinsecamente conservacionista. O pecuarista familiar, e isso é

importante ser destacado, mantém com o ambiente uma relação simbiótica que necessariamente conduz à conservação do bioma.

É o Laudo.

Brasília, 2 de julho de 2020.

ELAINE TEIXEIRA DE AMORIM
Analista do MPU/Perito em Antropologia
Assessoria Nacional de Perícia em Antropologia

Referências Bibliográficas

BARTH, Fredrik. *Ethnic groups and boundaries: The social organization of culture difference*. Universitets Forlaget, Bergen-Oslo, 1969.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. Ed. Perspectiva, São Paulo, 2004.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. *Caminhos da Identidade. Ensaio sobre Etnicidade e Multiculturalismo*. Unesp/Paralelo 15, São Paulo, 2006.

CRUZ, Rafael C. e GUADAGNIN, Luís D. *Uma pequena história ambiental do Pampa: proposta de uma abordagem baseada na relação entre perturbação e mudança*. Universidade Federal do Pampa e de Santa Maria, Rio Grande do Sul, 2012.

CUNHA, Manuela Carneiro da & ALMEIDA, Mauro W.B. “Populações tradicionais e conservação ambiental”. In: CAPOBIANCO, J. P. R. (org.) *Biodiversidade na Amazônia Brasileira*. Estação Liberdade, São Paulo, 2001.

INGOLD, Tim & KURTTILA, Terhi. *Percebendo o ambiente na Lapônia finlandesa*. CAMPOS-Revista de Antropologia. V.19 N.1. Universidade Federal do Paraná, 2018.

KOSBY, Marília F. & SILVA, Liza B. M. INRC – *Lidas campeiras na região de Bagé/RS: inventário dos ofícios e modos de fazer da pecuária no Pampa*. Revista Perspectivas Sociais. Ano 2, Nº 1. Pelotas, 2013.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *Antropologia Estrutural*. Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, 1975.

LIMA, Daniel Vaz. “Cada doma é um livro”: *A relação entre humanos e cavalos no Pampa sul-rio-grandense*. Dissertação (Mestrado em Antropologia), ICH, Universidade Federal de Pelotas, 2015.

LUHMANN, Niklas. *Social Systems*. Stanford University Press, Stanford, 1995.

MAUSS, Marcel. “Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas” In: *Sociologia e Antropologia*. Vol. 2. E.P.U./EDUSP, São Paulo, 1974.

MAUSS, Marcel. “Uma categoria do espírito humano: a noção de pessoa, a noção do *eu*”. In *Sociologia e Antropologia*. Vol. 1. São Paulo: E.P.U./EDUSP, 1974.

MAZURANA, J., DIAS, J.E. e LAUREANO, L.C. *Povos e Comunidades Tradicionais do Pampa*. Fundação Luterana de Diaconia (FLD), Porto Alegre, 2017.

RIETH, Flavia; KOSBY, Marilia Floor; et al. *Inventário Nacional de Referências Culturais: Lidas Campeiras na Região de Bagé/RS*. Relatório Final, Volumes 1, 2 e 3. Universidade Federal de Pelotas. Complexo Criativo Flor de Tuna, Arroio Grande, 2013. Disponível in: <https://wp.ufpel.edu.br/lidacampeira/>

WAQUIL, Paulo; BORBA, Marcos Flávio; et al. *Pecuária familiar no Rio Grande do Sul: história, diversidade social e dinâmicas de desenvolvimento*. Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

WOORTMANN, Klaas. “Com Parente Não se Neguceia” *O Campesinato Como Ordem Moral*. Anuário Antropológico/87. Tempo Brasileiro/Editora Universidade de Brasília, 1990.